

México ganha 14 anos de prazo para pagar US\$ 48,7 bi com juro especial

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Quatorze anos de prazo, com um de carência, para pagar uma dívida de US\$ 48,7 bilhões a uma taxa de risco (*spread*) de 1,5 por cento acima da *Libor* (taxa interbancária do mercado londrino do eurodólar) ou de 1,125 por cento acima da *prime rate* (taxa preferencial de juros americana). Estas são as condições do acordo assinado ontem pelo Ministro das Finanças do México, Jesus Silva Herzog, com os bancos credores, liderados pelo Coordenador do Comitê de Assessoramento da Dívida do país, William Rhodes.

Mais de 600 bancos internacionais endossaram o documento e Rhodes prevê que, graças a ele, o México inicia o fim da crise da dívida externa da América Latina.

— Este é o maior acordo já assinado até hoje. Foi feito em uma base plurianual. Isto deve servir de modelo para outros países no futuro — disse Rhodes ao GLOBO.

O banqueiro, que é também Vice-Presidente do Citibank, confirmou ter-se encontrado esta semana em Viena (na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento) com o Diretor da Área Externa do Banco Central do Brasil, Sérgio de Freitas.

— Sim, tivemos um encontro muito proveitoso. Ainda é cedo para dizer algo, mas vejo que as medidas dos dois pacotes brasileiros são boas no combate à inflação. Este tem sido o maior problema. Vamos ter o primeiro contato na semana que vem com o Presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber, quando teremos uma posição mais definida sobre o Brasil.

Rhodes estava muito curioso sobre o estado de saúde do Presidente Tancredo Neves. Quando soube que ele estava melhor, brincou que

“Deus é brasileiro” e disse que estava esperançoso e rezando para a rápida recuperação do Presidente.

No caso brasileiro, a dívida a ser negociada é menor do que a mexicana. O total envolvido é de US\$ 45,3 bilhões. Mas o problema continua sendo o Fundo Monetário Internacional (FMI). Rhodes acredi-



ta que o Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, acertará um plano com o Fundo até o início de maio. Assim, o acordo com os bancos poderia ser fechado até o fim daquele mês quando vence o novo prazo da Fase 2.

O Ministro da Fazenda do México negociou um plano plurianual com o FMI em que as metas podem ser revistas anualmente, o que, segundo ele, possibilitou o acordo com os bancos.

— Este ano deve ser o último ano de ajuste com o Fundo. Tivemos que assinar com os bancos, já que não assinando ficaria pior. Esperamos que a crise social que se abateu sobre o México e outros países da América Latina, devido ao endividamento externo, termine com este acordo com os bancos. Mas a crise da dívida externa ainda não passou — disse Herzog ao GLOBO, depois da assinatura no Hotel Pierre.

O principal problema continua sendo as altas taxas de juros. A inflação americana abaixo de quatro por cento não justifica uma *prime* de 10,5 por cento, segundo fontes bancárias.